

# Rumo a um modelo de mensuração da competitividade turística sustentável de municípios: evidências empíricas do Brasil

Simone Alves<sup>1</sup>

Antônio Roberto Ramos Nogueira<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é contribuir para os estudos sobre competitividade de destinos turísticos, através da proposição de um modelo sistêmico que permite identificar os fatores que impactam a capacidade de municípios brasileiros para criar e para integrar produtos turísticos de valor agregado que satisfaçam as necessidades da comunidade local e de seus visitantes, mantendo sua posição competitiva no mercado de turismo doméstico sem diminuir as perspectivas das gerações futuras, denominada Competitividade Turística Sustentável (CTS). Para tanto, foi realizada uma ampla revisão da literatura em três grandes grupos: i) de índices agregados, ii) conceituais e descritivos e, iii) explicativos e preditivos. Considerando os municípios brasileiros como unidade de análise, propõe-se um conjunto de seis fatores determinantes da Competitividade Turística Sustentável (construtos exógenos), denominados: Infraestrutura de Turismo, Infraestrutura de Tecnologia da Informação e Comunicação, Educação, Desenvolvimento Socioeconômico, Patrimônio & Cultura e Preservação Ambiental. Considera-se ainda, quatro fatores dependentes desta competitividade (construtos endógenos) e relacionados ao sucesso da atividade turística: Fluxo, Empregos, Salários e Renda turísticos. Os construtos são compostos por indicadores secundários, coletados a partir de fontes brasileiras para os 5.565 municípios existentes em 2010 e, o modelo teórico é testado empiricamente por Modelagem de Equações Estruturais (MEE).

**Palavras-chave:** Competitividade turística sustentável. Modelagem de Equações Estruturais. Construtos Formativos. Competitividade de destinos. Municípios turísticos.

## Introdução

À medida que o processo mundial de globalização e os avanços tecnológicos relativizam conceitos como a noção de distância entre países, os destinos turísticos mundiais se aproximam,

---

<sup>1</sup> Doutora em Administração (COPPEAD/UFRJ). Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Rio de Janeiro (Maracanã), Rio de Janeiro-RJ. E-mail: [simone.alves@ifrj.edu.br](mailto:simone.alves@ifrj.edu.br).

<sup>2</sup> Doutor em Administração de Empresas (USP). Professor Associado ao Instituto COPPEAD de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, UFRJ, Rio de Janeiro-RJ. E-mail: [nogueira@coppead.ufrj.br](mailto:nogueira@coppead.ufrj.br).

tornando ainda mais acirrada a disputa pelos turistas não apenas no âmbito nacional, mas também entre destinos internacionais de características similares que se tornam assim concorrentes entre si.

Este panorama pode ser associado à outra tendência observada ao longo dos últimos 60 anos no setor de turismo e viagens: o fenômeno da desconcentração dos fluxos internacionais de turistas e a conseqüente inclusão de novos destinos nas rotas turísticas agravando ainda mais as exigências para os destinos turísticos manterem-se competitivos.

Não obstante o reconhecimento dos impactos positivos (potenciais ou reais) do turismo sobre a economia local são também objetos de discussão na literatura os impactos negativos, ou seja, os efeitos adversos decorrentes do desenvolvimento da atividade turística sobre o destino e a população (Steck, 1999).

A atividade turística tem grande repercussão nas economias locais onde se desenvolve ainda que sua importância tenha intensidade diferente dependendo do grau de dinamismo e diversificação dos setores econômicos que são ali desenvolvidos.

O setor pode trazer benefícios, mas também transtornos para a comunidade de residentes, que envolvida ou não com a atividade turística, é a que terá maior contato com o turismo e sofrerá os maiores impactos dela decorrentes, sejam eles negativos ou positivos (Gollub, Hosier, & Woo, 2002).

Desta forma, a competitividade e o crescimento tornaram-se duas questões fundamentais para o debate sobre o papel do turismo como instrumento de desenvolvimento econômico (Fernández & Rivero, 2010b). No entanto, como observado por estes autores (Fernández & Rivero, 2010b, p. 7), apesar da abundante literatura produzida sobre competitividade de destinos turísticos, notadamente na década de 2000-2010, trata-se de um tema que ainda oferece ampla gama de oportunidades de pesquisa.

Por outro lado, há um consenso generalizado na literatura de que um dos maiores obstáculos para se atingir a sustentabilidade no turismo é justamente a dificuldade de medi-la, quer seja pela inexistência de uma lista de indicadores universalmente aceita, quer seja por sua característica multivariada associada à dificuldade inerente em agregar a quantidade considerável de informação requerida (Fernandez & Rivero, 2009, p. 278).

O destino turístico é composto dos chamados “produtos turísticos, os quais por sua vez se estruturam a partir dos recursos ou atrativos existentes no lugar” (Valls, 2006, p. 26).

Assim, embora o dilema entre crescimento (sobretudo econômico) e sustentabilidade - ou desenvolvimento sustentável, como preferem alguns autores – não seja exclusividade do setor no turismo, nesta área a questão assume um caráter de discussão inadiável uma vez que tais recursos e atrativos, particularmente os naturais, mas também aqueles relacionados ao legado cultural podem ser profundamente impactados por um desenvolvimento turístico mal planejado e incorrer em um desgaste contínuo da imagem deste destino, comprometendo o futuro da atividade turística no longo prazo.

Não obstante, como reconhecido pela Organização Mundial do Turismo (OMT), o progresso em direção ao turismo sustentável tem sido lento e decepcionante, assim como os modelos de monitoramento desta sustentabilidade na área têm sido adotados tardiamente sem que nenhum sistema de indicadores de sustentabilidade turística tenha sido efetivamente desenvolvido até então (Fernandez & Rivero, 2009).

O presente estudo busca responder quais os fatores que mais influenciam a competitividade turística sustentável de destinos turísticos e de que forma eles estão relacionados entre si e ao sucesso da atividade turística de um destino.

### **Referencial teórico**

O dilema entre o crescimento e a sustentabilidade no desenvolvimento não é uniformemente refletido nem mesmo nos modelos de competitividade de destinos que não negligenciam a discussão do aspecto sustentável do desenvolvimento turístico.

Observa-se nestes modelos desde a simples inclusão isolada ou simultânea de indicadores ambientais, culturais e sociais até a consideração de um construto específico de medida da sustentabilidade. Não surpreendentemente a minoria deles propõe-se a desenvolver a segunda abordagem dado o aumento do grau de complexidade que se introduz nos modelos (Fernandez & Rivero, 2009).

Um desafio inerente a qualquer método de medida da competitividade de destinos turísticos é a questão inicial da definição da unidade de análise (Crouch, 1999). Esta escolha pode levar a adoção de duas abordagens distintas, assumindo-se como foco o destino turístico em si ou as empresas de turismo que atuam no destino (Claver-Cortés, Molina-Azorín, & Pereira-Moliner, 2007).

Adotando-se o destino como unidade de análise permanece ainda o desafio de delimitá-lo, uma vez que pode ser associado a qualquer unidade territorial que tenha vocação de planejamento e possa dispor de certa capacidade administrativa para desenvolvê-la. Englobando desta forma um ou mais países, uma ou várias regiões, estados ou sub-regiões, um grupo de municípios, um município, lugares ou comunidades (Valls, 2006, p.15).

O campo de pesquisa acadêmica sobre a competitividade de destinos turísticos representa parte significativa das pesquisas mais recentes em turismo (Kozak & Rimmington, 1999) e tem se expandido desde o início da década de 90 (Crouch, 2006, 2007b) quando o conceito tornou-se ponto central das políticas públicas de turismo (Vanhove, 2006, p. 101).

Não obstante haver consenso quanto ao caráter relativo e multidimensional da competitividade global, e conseqüentemente da competitividade turística, a definição de um construto que operacionalize esse conceito tem fundamentado os estudos sobre o tema no turismo (Miki, Gândara, & Medina-Muñoz, 2011), sendo notória a evolução e o aprofundamento das discussões, embora não haja até o momento uma teoria consolidada sobre competitividade de destinos turísticos (Mazanec & Ring, 2011).

O presente estudo sugere que os modelos de competitividade turística podem ser divididos em três grupos, conforme a abordagem e a metodologia adotadas. Tal subdivisão sublinha a evolução dos estudos ao longo do tempo e reflete o aprofundamento das discussões teóricas sobre o tema a partir da década de 1990.

i) Modelos conceituais e descritivos:

Incluem-se neste grupo os modelos que se tornaram clássicos na literatura da área, sendo desenvolvidos entre 1995 e 2004 e tornando-se os mais citados nos estudos.

Constituem a base teórica para o desenvolvimento dos modelos mais recentes e tratam-se essencialmente de modelos teóricos, conceituais e descritivos, portanto, que procuram definir os fatores que influenciam a competitividade dos destinos turísticos. São fortemente baseados no conceito de criação de vantagens competitivas proposto por Porter (1990) e adaptado por Bordas (1994) para o contexto da competitividade turística.

Apesar de uma parte destes modelos apresentarem sugestões de possíveis variáveis que poderiam estar associadas a tais fatores, seus autores não definem quais as mais adequadas nem se preocupam em distinguir variáveis independentes de dependentes em relação ao desempenho turístico do destino.

Foram desenvolvidos por dois grupos de pesquisadores formados por: Crouch e Ritchie (Crouch & Ritchie, 1999, 2005; Ritchie & Crouch, 2000) e por Dwyer, Kim e seus colaboradores (Dwyer & Kim, 2003; Dwyer, Livaic, & Mellor, 2003; Dwyer, Mellor, Livaic, Edwards, & Kim, 2004; Kim & Dwyer, 2003).

ii) Modelos de índices agregados:

Incluem-se nesta categoria modelos empíricos desenvolvidos a partir da década de 2000 com base nos estudos anteriores incluídos no grupo anterior e que se propõem a criar um índice global de competitividade turística.

A maioria dos modelos desse grupo é concebida para analisar comparativamente o setor de turismo de países, a partir de variáveis independentes representadas por dados nacionais secundários, com o objetivo de classificar as economias em um ranking sugerido como ferramenta de *benchmarking* turístico.

Na maior parte dos casos são estudos desenvolvidos por grandes consultorias contratadas por associações de classe ou representantes da administração pública e privada do turismo, como no caso do Conselho Mundial de Turismo (WTTC) e do Fórum Econômico Mundial (WEF), e da Fundação Getúlio Vargas (FGV), contratada pelo Ministério do Turismo no caso do Brasil.

O modelo atribuído ao WTTC (Gooroochurn & Sugiyarto, 2005; Miller, 2007), também denominado Monitor de Competitividade (*Competitiveness Monitor*), foi publicado em três edições no período entre 2001 e 2004 através de uma parceria com o Centro de Pesquisas em Turismo da Universidade de Nottingham, do Reino Unido (Trisnawati, Wiyadi, & Priyono, 2008).

Este modelo do WTTC também foi utilizado como base metodológica para desenvolvimento do modelo do WEF, o qual resulta de sua combinação com o Relatório de Competitividade Global<sup>3</sup> publicado anualmente por esta instituição desde 1979. Tal combinação deu origem aos Relatórios de Competitividade Turística publicados em cinco edições – 2007, 2008, 2009, 2011 e 2013 (WEF, 2013).

Estes dois modelos (WTTC e WEF) são os de maior repercussão na área do turismo e diversos pesquisadores utilizam os dados a eles associados para desenvolverem seus estudos empíricos, criticando (Crouch, 2007a) ou sugerindo extensões para a metodologia adotada, notadamente aplicando técnicas de análise multivariada exploratória a estes (Alves & Ferreira, 2009; Alves & Nogueira, 2011; Fernández & Rivero, 2010b; Gooroochurn & Sugiyarto, 2005; Kayar & Kozak, 2010; Mazanec & Ring, 2011; Mazanec, Wöber, & Zins, 2007).

O modelo adotado pelo Ministério do Turismo no Brasil é também baseado na Teoria dos recursos (*Resource-based view* – RBV) e foi desenvolvido por pesquisadores da FGV (Barbosa, Oliveira, & Rezende, 2010), tendo sido publicado em quatro edições em 2008, 2009, 2010 e 2012 (BRASIL. Ministério do Turismo, SEBRAE, & FGV, 2012) para análise comparativa de um grupo de 65 municípios selecionados para representar os “Destinos Indutores” do desenvolvimento turístico regional do país.

iii) Modelos explicativos e preditivos:

Representam os estudos mais recentes, desenvolvidos a partir do final da década de 2000 e que constituem o atual estado da arte sobre o tema.

Incluem-se neste grupo modelos explicativos mais robustos que os anteriores, os quais identificam não apenas os fatores que influenciam a competitividade dos destinos turísticos, mas também as variáveis independentes a eles associadas e, em alguns casos, as variáveis dependentes que explicam os resultados observados no desempenho da atividade turística nestes destinos.

Além disso, estes modelos estimam os pesos relativos dessas variáveis e desses fatores sobre a competitividade turística por meio de estudos empíricos e métodos de análise multivariada de dados.

Incluem-se neste grupo os estudos que propõem extensões aos modelos do WTTC e do WEF do grupo anterior (Gooroochurn & Sugiyarto, 2005; Mazanec & Ring, 2011; Mazanec, et al., 2007), aos quais se somam modelos mais recentes desenvolvidos por Assaker, Vinzi e O’Connor (2011) e por Wu, Lan e Lee (2012), assim como o proposto no presente artigo.

Além dos modelos classificados nestes três grupos, uma diversidade de estudos empíricos sobre o tema tem sido desenvolvida desde o final da década de 1990, sem contudo resultarem em modelos de mensuração propriamente ditos e por este motivo não incluídos nesta revisão bibliográfica.

---

<sup>3</sup> *Global Competitiveness Report*, CGR (<http://www.weforum.org/issues/global-competitiveness>).

De forma geral, os modelos quantitativos mais complexos que utilizam análise multivariada de dados, especificamente aqueles que incluem variáveis dependentes como medida da competitividade turística e relações de causalidade, só começaram a ser desenvolvidos a partir de 2007, constituindo-se ainda em uma reduzida fração dos estudos da área e em um campo de conhecimento em início de construção.

### O setor de turismo no Brasil

A contribuição direta do turismo para a economia brasileira atingiu em 2013 uma participação de 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB) – equivalente à sexta posição do *ranking* de 184 países analisados. As estimativas da organização preveem um crescimento de 3,0% do setor de turismo em 2014 no país e um aumento de 3,9% ao ano até 2024, quando se estima que atinja R\$ 250,2 bilhões (3,7% do PIB) (WTTC & Oxford Economics, 2014).

O turismo doméstico tem crescido continuamente nos últimos anos no Brasil, como pode ser constatado pelo histórico dos desembarques aéreos no período entre 2007 e 2012 (Figura 1), o que tem possibilitado ao país compensar em parte a perda de receita decorrente da redução do turismo internacional como reflexo da crise econômica mundial iniciada em 2008.

Uma característica marcante do turismo doméstico no Brasil é o perfil intrarregional das viagens. Os destinos turísticos brasileiros com maior contingente populacional são, na maioria dos casos, os maiores emissores e receptores do fluxo turístico doméstico do país (ANDRADE, 2007, p. 127).

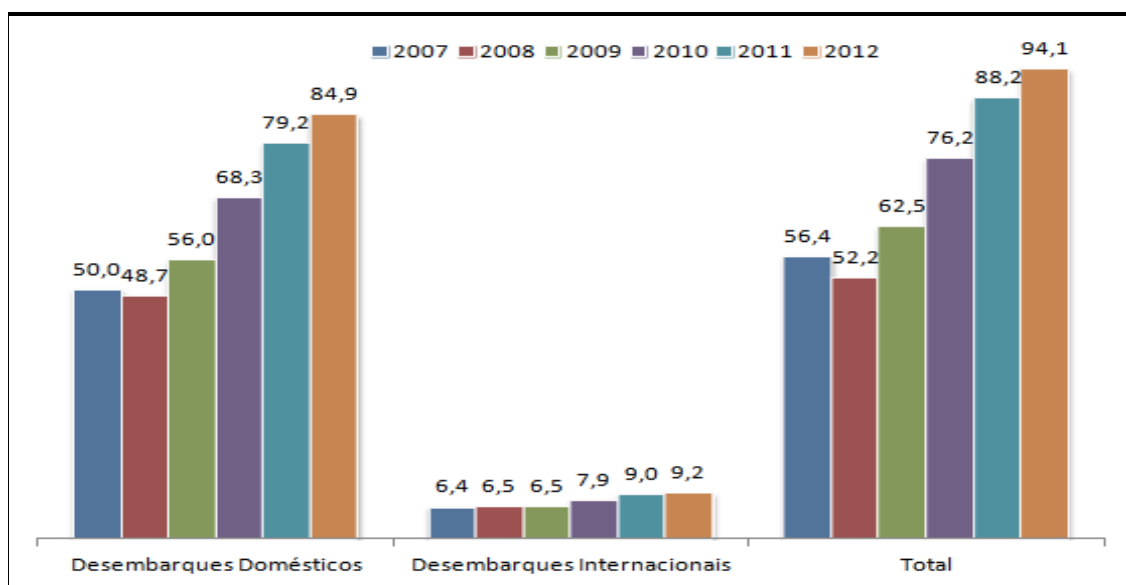


Figura 1. Desembarques aéreos no Brasil (em Milhões de Passageiros). Fonte: INFRAERO.

### Metodologia

O presente estudo tem por objetivo específico desenvolver um modelo quantitativo que permita identificar os fatores que influenciam a Competitividade Turística Sustentável (CTS) de

destinos, assim como estimar seus efeitos sobre este construto no contexto do turismo doméstico no Brasil, considerando municípios como unidade de análise.

Adota-se uma visão sistêmica do setor de turismo e o conceito de Competitividade Turística Sustentável (CTS) como construto central do modelo, em concordância com Capra (1996, p. 24) que defende a ideia de que “a partir do ponto de vista sistêmico, as únicas soluções viáveis são as soluções ‘sustentáveis’”.

Para tal adapta-se à atividade do turismo a definição de Competitividade Global Sustentável proposta pelo WEF (Bilbao-Osorio et al., 2012; Blanke, Crotti, Hanouz, Fidanza, & Geiger, 2011), associando-a aos conceitos de competitividade de um destino turístico – definido por Hassan (2000) – e sociedade sustentável – defendido por Brown (1981 citado em Capra, 1996).

Assim, define-se Competitividade Turística Sustentável (CTS) como: A capacidade de um destino de criar e integrar produtos turísticos de valor agregado que satisfaçam as necessidades de sua comunidade e de seus visitantes, mantendo sua posição competitiva no mercado de turismo sem diminuir as perspectivas das gerações futuras.

No Brasil, os municípios constituem as unidades autônomas de menor hierarquia na organização político-administrativa do país. Desta forma, o universo do problema de pesquisa deste estudo é composto pelos 5.565 municípios existentes no país em 2010.

Naturalmente, nem todos os municípios possuem a chamada “vocação turística”, ou tecnicamente falando, uma oferta turística que torne a atividade relevante para a economia local. Neste sentido, aqueles denominados nesta pesquisa como “municípios turísticos” representam a população-alvo analisada. Assim, a própria delimitação deste subgrupo de municípios é um dos desafios da pesquisa uma vez que não foi encontrada na revisão da literatura uma definição inequívoca para tal delimitação.

Propõe-se para tal adotar-se o grupo formado pelos municípios que apresentam valores diferentes zero nas estatísticas do mercado de trabalho formal de turismo no país, tomando-se como base as atividades econômicas incluídas no grupo das chamadas Atividades Características do Turismo (ACTs) definidas pela OMT e responsáveis pela produção de bens e serviços classificados como característicos do turismo (IBGE, 2009).

Mais especificamente sugere-se selecionar deste grupo de atividades econômicas aquelas que atendem prioritariamente os visitantes e compõem o chamado “núcleo das ACTs” definido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e no Brasil restrito ao grupo das empresas de serviços de alojamentos (hotéis e similares) e agências de turismo (IPEA, 2011).

A aplicação deste filtro resulta em uma subpopulação de 1.007 municípios (19,9% do total em 2010), incluindo as 27 capitais federativas e, correspondente àqueles nos quais existe pelo menos uma empresa e um trabalhador com vínculo formal nestas duas atividades econômicas.

Em termos de indicadores, a pesquisa adota dois tipos de fontes secundárias para coleta de dados, com cobertura no nível municipal no Brasil: registros estatísticos e administrativos.

Para evitar o viés decorrente da diferença de tamanho dos municípios sobre os resultados estatísticos, todas as variáveis sensíveis ao tamanho do município foram utilizadas na forma relativa (*per capita* ou em percentual do total de domicílios).

Os dados coletados para os 1.007 municípios da amostra em estudo foram tratados e analisados em duas etapas, utilizando-se dois conjuntos de técnicas e *softwares* de análises estatísticas uni e multivariada. A primeira etapa de análise dos dados foi realizada com base em medidas de estatística descritiva e análise exploratória dos dados, através do *software* SPSS® (2006) e na segunda etapa foram realizadas análises multivariada pelo *software* SMART-PLS®.

### **Modelo proposto**

Dependendo da direção da causalidade entre os construtos e suas medidas, os indicadores são classificados como formativos ou reflexivos. Na maior parte da literatura sobre o método de Modelagem de Equações Estruturais (SEM), adotado neste estudo, os construtos são vistos como causas das medidas, ou seja, as medidas são compreendidas como reflexivas uma vez que representam manifestações de uma variável latente ou construto (Bollen & Lennox, 1991).

Os modelos reflexivos têm sido tradicionalmente mais aplicados no campo das ciências sociais (Hair Jr., Black, Babin, & Anderson, 2009, p. 737), mas por outro lado o uso dos modelos formativos tem crescido substancialmente (Diamantopoulos, Riefler, & Roth, 2008).

Ainda que a análise exploratória dos dados (variáveis observadas associadas aos construtos) possa ser indicativa do tipo de abordagem (formativa ou reflexiva) mais adequada para a modelagem, um dos poucos consensos da literatura é que a decisão final deve ser guiada pela natureza do construto em estudo (Hair Jr., et al., 2009).

No caso da presente pesquisa, que tem como construto central a Competitividade Turística Sustentável (CTS) de destinos, a maioria absoluta dos modelos preditivos e explicativos já propostos adota a abordagem formativa, sendo exceções dois modelos mais recentes propostos por Wu, Lan e Lee (2012) e por Assaker, Vinzi e O'Connor (2011), os quais optam por construtos reflexivos.

Desta forma, o modelo proposto neste estudo pressupõe que os construtos exógenos associados ao construto central de medida da Competitividade Turística Sustentável (CTS) – nominalmente: Infraestrutura de Turismo, Infraestrutura de Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs), Educação (da população do destino), Desenvolvimento Socioeconômico, Patrimônio & Cultura e Preservação Ambiental – são formativos. Enquanto os construtos endógenos – Empregos e Salários pagos nas atividades turísticas no destino, assim como o Fluxo turístico de passageiros a ele direcionado – sejam medidos reflexivamente.

Considerando-se a opção pelo uso de um modelo de mensuração formativo e da análise multivariada dos dados por Modelagem de Equações Estruturais (MEE), os dados coletados (variáveis do modelo) foram previamente analisados para verificação da presença de dados ausentes (*missings*) e extremos (*outliers*), do grau de normalidade da distribuição dos dados e da existência de colinearidade entre estas variáveis.



A análise de *outliers* não apontou a necessidade de eliminação de nenhum dos 37 casos a eles associados e com relação aos dados ausentes adotou-se a abordagem de caso completo para tratamento dos dados.

Quatro conjuntos de variáveis apresentaram alto volume de *missings*, correspondentes a 21 indicadores de medida de: i) saneamento ambiental; ii) dispersão idade-série escolar (ensino fundamental e médio); iii) despesas municipais por função; e, iv) salários totais pagos, empregos e salários médios nas atividades econômicas do turismo consideradas.

Para os casos relacionados aos três primeiros conjuntos de dados foram excluídos os indicadores em questão do modelo. E com relação ao último conjunto de dados (iv), como os *missings* eram relacionados aos salários médios – devido à inexistência de empregos formais no grupo considerado de atividades econômicas em diversos municípios – apenas as atividades sem *missings* (Alojamentos e Agências de Viagem) e a de medida do Salário (Médio) Total – calculado a partir da soma dos dados de salários pagos e do número total de empregos de todas as atividades consideradas –, foram os únicos indicadores mantidos no modelo de mensuração como medidas do construto Salários.

A verificação preliminar gráfica da normalidade univariada dos dados (feita pelos histogramas das distribuições comparativamente à distribuição normal, recurso disponível no SPSS®) indicou que a maioria das variáveis não apresenta distribuição normal. Na verdade, a não-normalidade da distribuição dos dados em modelos de mensuração da competitividade turística de destinos é praticamente uma constante (Mazanec, Wöber & Zins, 2007b; Assaker, Vinzi & O'Connor, 2011b; Mazanec & Ring, 2011; Wu, Lan & Lee, 2012), sendo comum a aplicação de algum procedimento de transformação de dados.

Às variáveis que apresentaram as distribuições mais assimétricas e mais distantes da normalidade foi aplicada a transformada logarítmica, calculando-se e então os índices de assimetria e curtose das distribuições e aplicados testes estatísticos recomendados por Hair et al (2009) e disponíveis no *software* SPSS®.

O modelo operacionalizado resultante é apresentado na Figura 2, destacando-se os 6 construtos exógenos e os 3 construtos endógenos associados ao macroconstruto central (de segunda ordem) Competitividade Turística Sustentável, assim como as nove hipóteses formuladas (relações entre os construtos –  $H_1, H_2, \dots, H_9$ ) e as 32 variáveis (indicadores) a eles associadas (23 independentes/formativas e 9 dependentes/reflexivas).

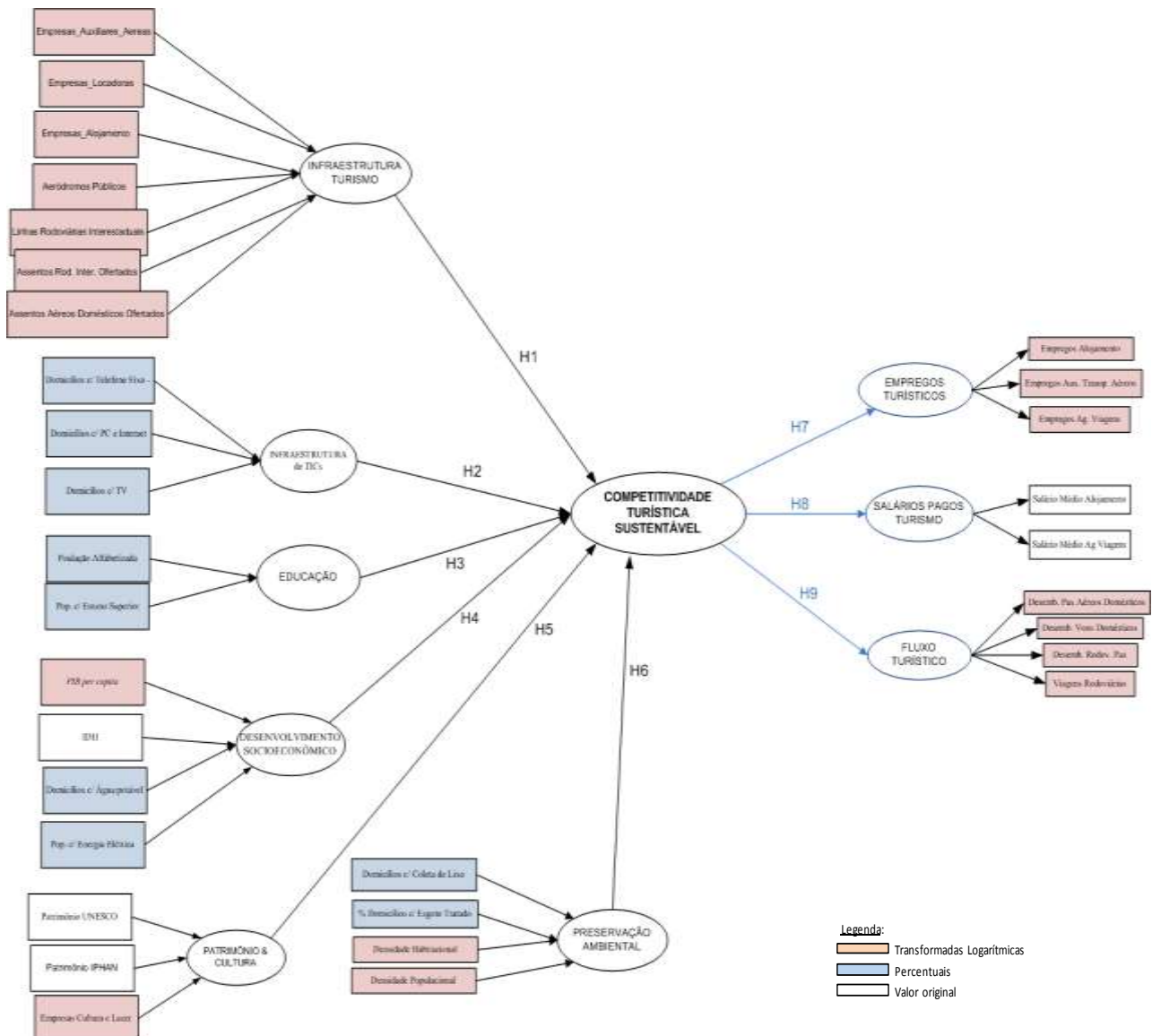
## Resultados e Discussão

O modelo operacionalizado de mensuração da Competitividade Turística Sustentável (Figura 2) foi modelado através do *software* SmartPLS® e os parâmetros resultantes analisados quanto ao grau de significância através das estatísticas *t* correspondentes, obtidas por meio da aplicação do algoritmo *bootstrapping* – considerando-se para tal 5.000 reamostragens dos 1.007 casos

analisados, conforme procedimento adotado na maioria dos estudos empíricos que utilizam modelos formativos estimados por PLS-PM (Rigdon, Ringle, Sarstedt, & Gudergan, 2011).

Primeiramente foi analisado o *outer model* (modelo de mensuração) verificando-se as cargas e os pesos fatoriais (*outer e weight loadings*), tanto no que diz respeito à significância dos valores estimados (avaliada através dos resultados do *bootstrapping*) quanto à coerência dos sinais em relação aos demais indicadores do construto. Em seguida foi analisado o modelo estrutural verificando-se os coeficientes estruturais (*path coefficients*) estimados e os índices da capacidade preditiva do modelo como um todo a partir dos valores estimados para os coeficientes de determinação ( $R^2$ ).

As variáveis “Assentos aéreos ofertados” (Infraestrutura de Turismo) e Densidades populacional e habitacional (Preservação Ambiental) apresentaram pesos fatoriais negativos diferentemente dos demais indicadores e foram excluídas do modelo de mensuração. No entanto, esta exclusão não foi suficiente para solucionar o problema do construto Preservação Ambiental, o qual – contando apenas com dois indicadores remanescentes – passou a exibir um improvável coeficiente estrutural negativo. A solução adotada para este impasse foi incorporar tais indicadores ao construto Desenvolvimento Socioeconômico, renomeado então como Desenvolvimento para expressar seus aspectos econômicos e ambientais.



**Figura 2. Modelo teórico operacionalizado. Fonte: Elaboração da autora.**

Todos os coeficientes estruturais estimados apresentaram-se significativos ao nível de 99,9% ( $t > 3,29$ ) com exceção do correspondente ao construto Educação estimado apenas ao nível de 99% ( $t = 2,695$ ) de significância estatística. Além disso, um dos construtos endógenos (Salários Médios) apresentou um valor de  $R^2$  relativamente baixo (0,262), resultado indicativo para rejeição da hipótese correspondente ( $H_8$  na Figura 2) da pesquisa e, portanto, à eliminação do construto modelo.

Desta forma, o modelo operacionalizado da Figura 2 foi reespecificado unificando-se os construtos exógenos Empregos e Salários Médios, assim como seus respectivos indicadores e hipóteses, sendo o novo construto resultante renomeado como Renda – conceitualmente, correspondente à renda média do trabalhador nas atividades turísticas consideradas no modelo. Em relação à significância estatística dos parâmetros obtidos pela modelagem com o SmartPLS®, os resultados obtidos com o modelo reespecificado indicam que: (i) A grande maioria

dos pesos fatoriais é significativa ao nível 99,99% ( $t > 3,29$ ) e cinco delas ao nível de 99,9% (ou seja,  $t > 2,58$ ) e; (ii) Um único indicador associado ao construto Desenvolvimento (percentual da população que vive em domicílios com energia elétrica), mostrou-se pouco significativo ( $t = 1,887$ , ou seja, ao nível de 90% apenas) além de apresentar baixo peso fatorial (0,053), o que é também indicativo para sua exclusão do modelo final (Hair, et al., 2011).

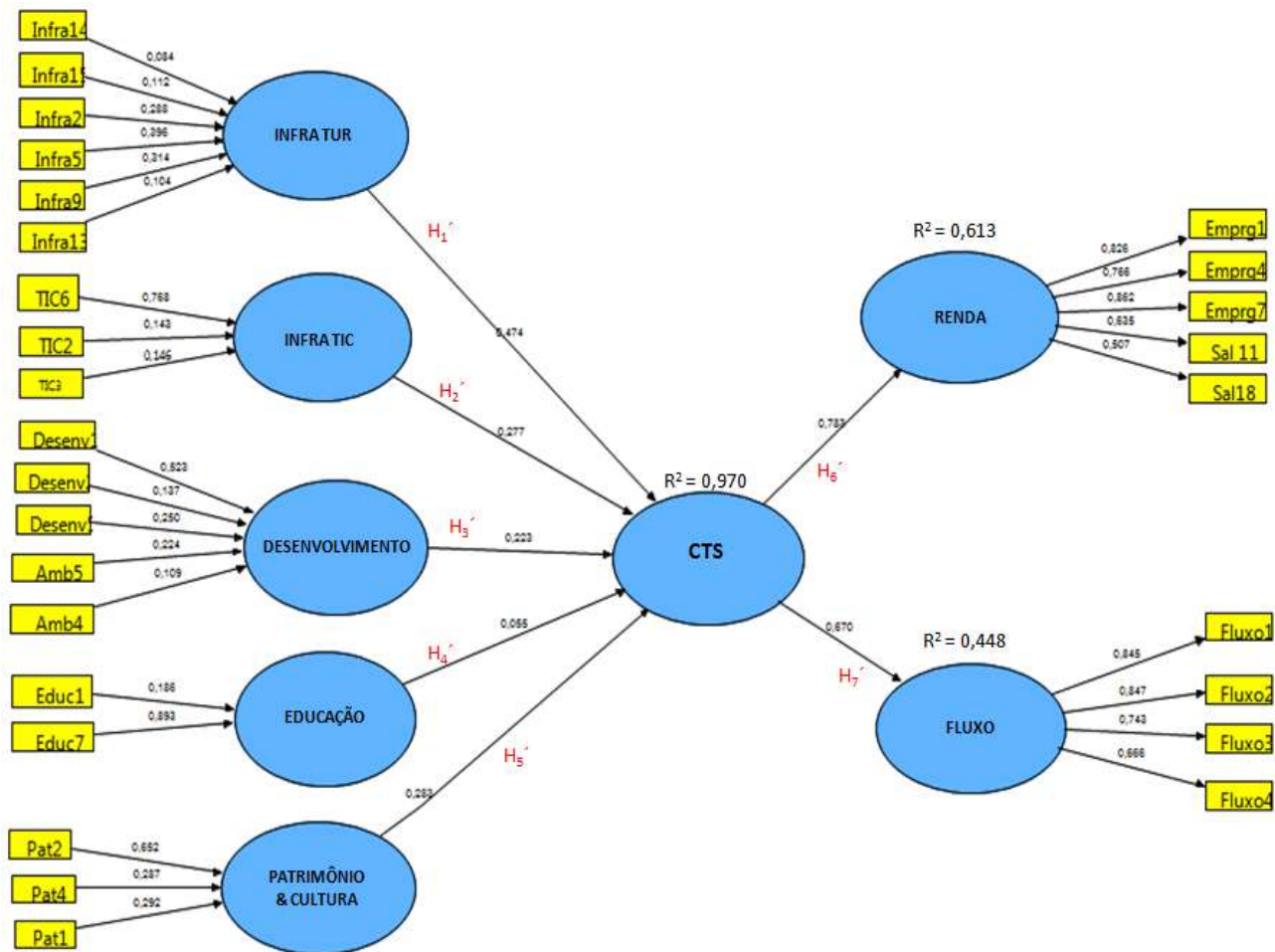
O modelo final resultante é ilustrado na Figura 3 com todas as variáveis significativas (detalhadas no Anexo), cargas e pesos fatoriais respectivos (valores estimados sem *Bootstrapping*), assim como os coeficientes estruturais e de determinação ( $R^2$ ).

Os valores de  $R^2$  para os construtos Renda (0,613) e Fluxo (0,448) indicam a existência de relações apenas moderadas entre estes eles e o construto Competitividade Turística Sustentável (CTS), ainda que este último exerça influência significativa sobre ambos – como pode ser inferido pelos respectivos coeficientes estruturais estimados (0,783 e 0,670).

A Tabela 1 apresenta as estimativas das Comunalidades e dos Índices de Confiabilidade – Variância Média Extraída (AVE), Alfa de Cronbach ( $\alpha$ ) e Confiabilidade Composta – associados ao modelo final (Figura 3).

**Tabela 1. Comunalidades e Índices de Confiabilidade do modelo estrutural**

Construto	Comunalidade	AVE	Confiabilidade Composta	$R^2$	$\alpha$	Redundância
Desenvolvimento	0,527					
Patrimônio & Cultura	0,617					
Educação	0,690					
Infra TIC	0,784					
Infra Tur	0,492					
Fluxo	0,606	0,606	0,859	0,448	0,782	0,271
Renda	0,534	0,534	0,847	0,613	0,771	0,326
CTS	0,415	0,415	0,728	0,970	0,588	0,140



**Figura 3. Modelos de mensuração e estrutural reespecificado.**

Os valores relacionados aos construtos Renda e Fluxo indicam que ambos são aceitáveis qualquer que seja o critério adotado, uma vez que exibem valores de AVE acima de 0,50, assim como os índices Alfa de Cronbach ( $\alpha$ ) e confiabilidade composta acima de 0,7 (Hair Jr., et al., 2009).

A Tabela 2 apresenta os valores e as estatísticas dos parâmetros estimados para o modelo estrutural com o algoritmo *Bootstrapping* do software SmartPLS<sup>®</sup>, enquanto a Tabela 3, a matriz de correlação entre os construtos.

Os valores das estatísticas *t* relacionados na Tabela 2 demonstram que todos os coeficientes estruturais estimados são significativos ao nível de 99,99% ( $t > 3,3$ ), exceto no caso do construto Educação ( $t = 2,697$ ) que é significativo apenas ao nível de 99,9% ( $t > 2,58$ ). Estes resultados demonstram que todas as sete hipóteses do modelo final ( $H_1'$ , ...,  $H_8'$  na Figura 3) foram confirmadas empiricamente.

**Tabela 2. Coeficientes estruturais do modelo estrutural**

Descrição da Relação (Hipótese)	Coef. Estrutural (c/ Bootstrapping)	Desvio-padrão	Erro padrão	Estatística t
CTS → Fluxo (H <sub>7</sub> ' )	0,671	0,019	0,019	34,840
CTS → Renda (H <sub>6</sub> ' )	0,790	0,023	0,023	34,488
Desenvolvimento → CTS (H <sub>3</sub> ' )	0,220	0,028	0,028	7,904
Educação → CTS (H <sub>4</sub> ' )	0,057	0,020	0,020	2,697
Infra TIC → CTS (H <sub>2</sub> ' )	0,275	0,028	0,028	9,842
Infra Tur → CTS (H <sub>1</sub> ' )	0,473	0,016	0,016	29,536
Patrimônio & Cultura → CTS (H <sub>5</sub> ' )	0,281	0,036	0,036	7,927

**Tabela 3. Matriz de Correlação do modelo estrutural**

Construto	CTS	Desenvolvimento	Educação	Fluxo	Infra TIC	Infra Tur	Patrimônio & Cultura	Renda
CTS	1							
Desenvolvimento	0,7168	1						
Educação	0,7711	0,7882	1					
Fluxo	0,6696	0,2244	0,3878	1				
Infra TIC	0,7769	0,9034	0,8596	0,2779	1			
Infra Tur	0,8250	0,3539	0,5137	0,8135	0,4334	1		
Patrimônio & Cultura	0,5721	0,1147	0,2083	0,3135	0,1621	0,4375	1	
Renda	0,7831	0,4035	0,5344	0,6437	0,4929	0,8537	0,4645	1

## Considerações Finais

O modelo final de mensuração da Competitividade Turística Sustentável (CTS) de municípios turísticos brasileiros, resultante desta pesquisa (Figura 3), é composto por cinco construtos endógenos operacionalizados por meio de 19 variáveis e denominados: Infraestrutura de Turismo, Infraestrutura de Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs), Educação, Desenvolvimento e Patrimônio & Cultura – e dois construtos endógenos (fatores dependentes) – Fluxo e Renda turísticos – medidos reflexivamente e operacionalizados por 9 variáveis.

Os resultados obtidos neste estudo indicam que o maior impacto sobre a Competitividade Turística Sustentável, para a subpopulação de 1.007 municípios brasileiros analisada, é causado pelo construto Infraestrutura de Turismo (coeficiente estrutural igual a 0,473), seguido pelos impactos decorrentes dos construtos Patrimônio & Cultura, Infraestrutura de TICs e Desenvolvimento (coeficientes estruturais iguais a 0,282; 0,275 e 0,220, respectivamente).

Portanto, parece razoável supor que estes fatores devem ser priorizados no direcionamento de investimentos, assim como constituir objetivos estratégicos para parcerias com a comunidade local, organizações não governamentais e iniciativa privada para que possam, por exemplo, ser

incorporados ao Plano Diretor Municipal ou direcionar instâncias locais de governança pública que propiciem ao município aumentar sua competitividade turística de forma sustentável.

A Competitividade Turística Sustentável por sua vez, reflete-se, sobretudo, nos resultados de desempenho turístico municipal medido pela Renda dos trabalhadores nas Atividades Características do Turismo (coeficiente estrutural de 0,783 e  $R^2= 0,613$ ), notadamente naquelas de serviços de hospedagem em hotéis e similares, atividades auxiliares do transporte aéreo e agências de viagem – e pelo fluxo de passageiros, rodoviário interestadual e aéreo doméstico, direcionado ao município (coeficiente estrutural de 0,669 e  $R^2= 0,448$ ).

Por fim, espera-se que esta pesquisa incentive o uso de estudos quantitativos, inclusive com a aplicação de métodos de análise multivariadas de dados de segunda geração, nas pesquisas sobre o turismo, sobretudo no Brasil onde é particularmente restrito.

## Referências

- Alves, S., & Ferreira, N. N. (2009). Medida da competitividade do destino Brasil: uma aplicação do Índice de Competitividade Turística do WEF 2008. *Observatório de Inovação do Turismo – Revista Acadêmica*, IV(1).
- Alves, S., & Nogueira, A. R. R. (2011). *Medida da competitividade do destino Brasil: Reflexões a partir dos Índices de Competitividade Turística do WEF dos países latino-americanos*. Paper presented at the 7th International Meeting of the Iberoamerican Academy of Management (IAM), Lima, Peru.
- Andrade, J. R. d. L. (2007). Metodologia de estimação da demanda por turismo doméstico no Brasil: aspectos teóricos e evidências empíricas. *Revista de Economia*, 33(1), 117-136.
- Assaker, G., Vinzi, V. E., & O'Connor, P. (2011). Modeling a causality network for tourism development: an empirical analysis. *Journal of Modelling in Management*, 6(3), 258-278.
- Barbosa, L. G. M., Oliveira, C. T. F., & Rezende, C. (2010). Competitiveness of tourist destinations: the study of 65 key destinations for the development of regional tourism. *Revista de Administração Pública (RAP)*, 44(5), 1067-1095.
- Bilbao-Osorio, B., Blanke, J., Crotti, R., Hanouz, M. D., Fidanza, B., Geiger, T., Serin, C. (2012). Assessing the Sustainable Competitiveness of Nations. In: K. Schwab (Ed.), *The Global Competitiveness Report 2012–2013*, 49-68. Geneva: WEF. Retrieved from [http://www3.weforum.org/docs/CSI/2012-13/GCR\\_Chapter1.2\\_2012-13.pdf](http://www3.weforum.org/docs/CSI/2012-13/GCR_Chapter1.2_2012-13.pdf).
- Blanke, J., Crotti, R., Hanouz, M. D., Fidanza, B., & Geiger, T. (2011). The Long-Term View: Developing a Framework for Assessing Sustainable Competitiveness. In: K. Schwab & X. Sala-i-Martin (Eds.), *The Global Competitiveness Report 2011-2012*, 51-74. Geneva: WEF. Retrieved from <http://www3.weforum.org/docs/GCR2011-12/5.GCR2011-2012Chapter1.2SCI.pdf>.
- Bollen, K. A., & Lennox, R. (1991). Conventional wisdom on measurement: A structural equation perspective. *Psychological bulletin*, 110(2), 305-314.

- Bordas, E. (1994). Competitiveness of tourist destinations in long distance markets. *Tourism Review*, 49(3), 3-9.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2009). Economia do Turismo: uma perspectiva macroeconômica 2003-2006. Rio de Janeiro: IBGE.
- BRASIL. Ministério do Turismo (MTur), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), & Fundação Getúlio Vargas (FGV). (2012). Índice de Competitividade do Turismo Nacional - Relatório Brasil 2011. Luís G. M. Barbosa (Org.).
- Capra, F. (1996). *A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos* (N. R. Eichenberg, Trans.). São Paulo: Cultrix.
- Claver-Cortés, E., Molina-Azorín, J. F., & Pereira-Moliner, J. (2007). Competitiveness in mass tourism. *Annals of Tourism Research*, 34(3), 727-745.
- Crouch, G. I. (2006). *Destination competitiveness: insights into attribute importance* Paper presented at the International Conference of Trends, Impacts and Policies on Tourism Development. Crete, Greece. Retrieved from <http://ertr.tamu.edu/>.
- Crouch, G. I. (2007a). *Measuring tourism competitiveness: research, theory and the WEF Index*. Paper presented at the Australian and New Zealand Marketing Academy Conference (ANZMAC). University of Otago, Dunedin, New Zealand. Retrieved from [anzmac.info/conference/2007/papers/Crouch\\_1.pdf](http://anzmac.info/conference/2007/papers/Crouch_1.pdf).
- Crouch, G. I. (2007b). Modelling Destination Competitiveness: A survey and Analysis of the Impact of competitiveness attributes. La Trobe University, Australia. Retrieved from [www.crctourism.com.au](http://www.crctourism.com.au).
- Crouch, G. I., & Ritchie, J. R. B. (1999). Tourism, competitiveness, and societal prosperity. *Journal of Business Research*, 44(3), 137-152.
- Crouch, G. I., & Ritchie, J. R. B. (2005). Application of the analytic hierarchy process to tourism choice and decision making: a review and illustration applied to destination competitiveness. *Tourism Analysis*, 10, 17-25.
- Diamantopoulos, A., Riefler, P., & Roth, K. P. (2008). Advancing formative measurement models. *Journal of Business Research*, 61(12), 1203-1218.
- Dwyer, L., & Kim, C. (2003). Destination Competitiveness: A model and determinants. *Current issues in tourism*, 6(5), 369-414.
- Dwyer, L., Livaic, Z., & Mellor, R. (2003). Competitiveness of Australia as a tourist destination. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 10(1), 60-78.
- Dwyer, L., Mellor, R., Livaic, Z., Edwards, D., & Kim, C. (2004). Attributes of destination competitiveness: a factor analysis. *Tourism Analysis*, 9, 1(2), 91-101.
- Fernandez, J. I. P., & Rivero, M. S. (2009). Measuring tourism sustainability: proposal for a composite index. *Tourism Economics*, 15(2), 277-296.
- Fernández, J. I. P., & Rivero, M. S. (2010). Competitividad versus crecimiento en destinos turísticos. Un análisis mediante técnicas multivariantes. *Cuadernos de Economía*, 33(91), 159-181.



- Gollub, J., Hosier, A., & Woo, G. (2002). Using cluster-based economic strategy to minimize tourism leakages. World Tourism Organization (WTO).
- Gooroochurn, N., & Sugiyarto, G. (2005). Competitiveness indicators in the travel and tourism industry. *Tourism Economics*, 11(1), 25-43.
- Hair, J. F., Ringle, C. M., & Sarstedt, M. (2011). PLS-SEM: Indeed a Silver Bullet. *Journal of Marketing Theory and Practice*, 18(2), 139-152.
- Hair Jr., J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2009). *Multivariate Data Analysis*. New Jersey: Prentice Hall.
- Hassan, S. S. (2000). Determinants of market competitiveness in an environmentally sustainable tourism industry. *Journal of Travel Research*, 38(3), 239-245.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). (2011) Ocupação do setor de turismo no Brasil: análise da ocupação nas principais ACTs nos estados, regiões e Brasil. *Texto para discussão*. Brasília: IPEA.
- Kayar, Ç. H., & Kozak, N. (2010). Measuring Destination Competitiveness: An Application of the Travel and Tourism Competitiveness Index (2007). *Journal of Hospitality Marketing & Management*, 19(3), 203-216.
- Kim, C., & Dwyer, L. (2003). Destination Competitiveness and Bilateral Tourism Flows Between Australia and Korea. *The Journal of Tourism Studies*, 14(2), 55-67.
- Kozak, M., & Rimmington, M. (1999). Measuring tourist destination competitiveness: conceptual considerations and empirical findings. *International Journal of Hospitality Management*, 18(3), 273-283.
- Mazanec, J. A., & Ring, A. (2011). Tourism destination competitiveness: second thoughts on the World Economic Forum Reports. *Tourism Economics*, 17(4), 725-751.
- Mazanec, J. A., Wöber, K., & Zins, A. H. (2007). Tourism Destination Competitiveness: From Definition to Explanation? [Article]. *Journal of Travel Research*, 46(1), 86-95.
- Miki, A. F. C., Gândara, J. M. G., & Medina-Muñoz, D. R. (2011). *O Estado Atual das Pesquisas Sobre Competitividade Turística no Brasil*. Paper presented at the VIII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), Balneário Camboriú, SC. Retrived from <http://www.anptur.org.br/anais2011/>.
- Miller, R. R. (2007). Using Policy Measures and Economics to Improve Travel & Tourism-Related Policy and Business Decision Making, In: *The Travel & Tourism Competitiveness Report 2007: furthering the process of economic development*, 45-54. Geneva, Switzerland: WEF.
- Porter, M. E. (1990). The Competitive Advantage of Nations. *Harvard Business Review*, 68(2), p. 73-93.
- Rigdon, E. E., Ringle, C. M., Sarstedt, M., & Gudergan, S. P. (2011). Assessing Heterogeneity in Customer Satisfaction Studies: Across Industry Similarities and Within Industry Differences. *Advances in International Marketing*, 22, 169-194.

- Ringle, C. M., Wende, S., & Will, A. (2005). SmartPLS 2.0 (Version Release 2.0 (beta)). Hamburg, Germany: SmartPLS. Retrieved from <http://www.smartpls.com>.
- Ritchie, J. R. B., & Crouch, G. I. (2000). The competitive destination: A sustainability perspective. *Tourism Management, 21*, 1-7.
- SPSS 15.0 for Windows Evaluation Version (Version Release 15.0.0). (2006). Chicago: SPSS Inc.
- Steck, B. (1999). *Sustainable Tourism as a Development Option: Practical Guide for Local Planners, Developers and Decision Makers* (3rd ed.). Eschborn: German Federal Ministry for Economic Co-operation and Development.
- Trisnawati, R., Wiyadi, W., & Priyono, E. (2008). Analysis of the competitiveness tourism industries increasing the local economy. *Economic Journal of Emerging Markets, 13*(2).
- Valls, J.-F. (2006). *Gestão integral de destinos turísticos sustentáveis* (C. Vasques & L. Wang, Trans.). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Vanhove, N. (2006). A Comparative Analysis of Competition Models for Tourism Destinations. In M. K. L. Andreu (Ed.), *Progress in Tourism Marketing*, 101-114. Amsterdam: Elsevier.
- World Economic Forum (WEF). (2013). The Travel & Tourism Competitiveness Report 2013: Reducing Barriers to Economic Growth and Job Creation. J. Blanke & T. Chiesa (Eds.). Retrieved from [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_TT\\_Competitiveness\\_Report\\_2013.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_TT_Competitiveness_Report_2013.pdf).
- World Travel and Tourism Council (WTTC), & Oxford Economics. (2014). Travel & Tourism Economic Impact- Brazil. Retrieved from [http://www.wttc.org/site\\_media/uploads/downloads/brazil2014.pdf](http://www.wttc.org/site_media/uploads/downloads/brazil2014.pdf).
- Wu, W.-W., Lan, L. W., & Lee, Y.-T. (2012). Critiquing the World Economic Forum's concept of destination competitiveness: A further analysis. *Tourism Management Perspectives, 4*, 198-206.

## Anexo

### Indicadores do modelo de mensuração da Competitividade Turística Sustentável

Indicador Municipal	Cod.	Formato	Referência	Ano
<b>Construto Infraestrutura Turística</b>				
Estabelecimentos Grupo de Alojamento	Infra2	Logarít.	Min. do Trabalho e Emprego (Base RAIS ESTABELECIMENTO) <a href="http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_rais_estabelecimento_id/login.php">http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_rais_estabelecimento_id/login.php</a>	2010
Estabelecimentos atividade Locadoras de Automóveis	Infra5			
Estabelecimentos atividades auxiliares dos transportes aéreos	Infra9			
Linhas rodoviárias interestaduais que passam pelo município	Infra13	Logarít	Ministério dos Transportes (dados cedidos diretamente pela ANTT)	2009
Assentos rodoviários ofertados em linhas interestaduais	Infra14			
Aeródromos públicos	Infra15	Original	Min. dos Transportes (Portal ANAC) <a href="http://www2.anac.gov.br/arquivos/pdf/aerodromos/AerodromosPublicos.xls">http://www2.anac.gov.br/arquivos/pdf/aerodromos/AerodromosPublicos.xls</a>	2009
<b>Construto Infraestrutura TIC</b>				
Domicílios com TV	TIC2	%	IBGE (Sistema SIDRA) <a href="http://www.sidra.ibge.gov.br/download/TV%20Resultados%20da%20Amostra.csv">http://www.sidra.ibge.gov.br/download/TV%20Resultados%20da%20Amostra.csv</a>	2010
Domicílios com telefone fixo	TIC3			
Domicílios c/ PC e Internet	TIC6			
<b>Construto Desenvolvimento</b>				
Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	Desenv1	Original	Ministério das Cidades (Sistema SNIS) <a href="http://www.snis.gov.br/Arquivos_SNIS/3_BANCO%20DE%20DADOS/Serie_Historica/InstalaSNIS_2010.zip">http://www.snis.gov.br/Arquivos_SNIS/3_BANCO%20DE%20DADOS/Serie_Historica/InstalaSNIS_2010.zip</a>	2010
PIB per capita (em R\$/habitante)	Desenv2	Original	PIB (Min. das Cidades-Sistema SNIS); População (IBGE – Censo 2010) <a href="http://www.snis.gov.br/Arquivos_SNIS/3_BANCO%20DE%20DADOS/Serie_Historica/InstalaSNIS_2010.zip">http://www.snis.gov.br/Arquivos_SNIS/3_BANCO%20DE%20DADOS/Serie_Historica/InstalaSNIS_2010.zip</a>	2010
Domicílios c/ abastecimento adequado de água (%)	Desenv5	Original %	Portal ODM (Aplicativo DevInfo/Orbis) <a href="http://www.orbis.org.br/sistema-devinfo">http://www.orbis.org.br/sistema-devinfo</a>	2010
Domicílios com Banheiro e Rede de Esgoto ou Pluvial	Amb4	%	IBGE – Censo 2010 <a href="http://www.sidra.ibge.gov.br/download/Esgotamento%20TUDO_Resultados%20da%20Amostra-2.csv">http://www.sidra.ibge.gov.br/download/Esgotamento%20TUDO_Resultados%20da%20Amostra-2.csv</a>	2010
Total de domicílios com Coleta de Lixo	Amb5			

<b>Construto Educação</b>				
Taxa de alfabetização da população com 15-29 anos (%)	Educ1	Original (%)	Portal ODM (Aplicativo DevInfo/Orbis) <a href="http://www.orbis.org.br/sistema-devinfo">http://www.orbis.org.br/sistema-devinfo</a>	2010
População 10 anos ou mais com Ensino Superior completo (%)	Educ7	Original (%)	IBGE – Censo 2010 <a href="http://www.sidra.ibge.gov.br/download/Nível%20de%20Instrução-7.csv">http://www.sidra.ibge.gov.br/download/Nível%20de%20Instrução-7.csv</a>	2010
<b>Construto Patrimônio e Cultura</b>				
Patrimônios UNESCO	Pat1	Original	<a href="http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/#c154844">http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/#c154844</a>	N.A.
Estabelecimentos Grupo das atividade Cultura e Lazer	Pat2	Logarít.	Min. do Trabalho e Emprego (Base RAIS ESTABELECIMENTO) <a href="http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_rais_estabelecimento_id/login.php">http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_rais_estabelecimento_id/login.php</a>	2010
Patrimônios IPHAN	Pat4	Original	Min. da Cultura (Website IPHAN) <a href="http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm">http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm</a>	N.A.
<b>Construto Renda (Turística)</b>				
Ocupações Grupo de Alojamento	Emprg1	Logarít.	Min. do Trabalho e Emprego (Base RAIS EMPREGO) <a href="http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_rais_estabelecimento_id/login.php">http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_rais_estabelecimento_id/login.php</a>	2010
Ocupações na ativid. Serv. auxiliares transportes aéreos	Emprg4			
Ocupações na atividade Agências de Viagem	Emprg7			
Salário Médio no grupo Alojamento (R\$) (Calculado c / total pago em salários e Emprg1)	Sal11	Original		
Salário Médio atividade Agências de Viagem (R\$) (Calculado c/ total pago em salários e Emprg7)	Sal18	Original	Min. do Trabalho e Emprego (Base RAIS EMPREGO) <a href="http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_rais_estabelecimento_id/login.php">http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_rais_estabelecimento_id/login.php</a>	2010
<b>Construto Fluxo (Turístico doméstico)</b>				
Desembarques aéreos em voos domésticos (passageiros)	Fluxo1	Logarít.	Min. dos Transportes (dados cedidos diretamente pela ANAC)	2010
Voos domésticos	Fluxo2			
Desembarques rodoviários em linhas interestaduais (passageiros)	Fluxo3			Min. dos Transportes (dados cedidos diretamente pela ANTT)